

CONTOS

FALSO BRILHANTE

"Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros."  
Vieira

Com certeza você nunca vai saber que eu o matei no dia 3 de setembro passado e que a sua morte foi rápida, sem agonia, assim como quando desaba um teto sobre a cabeça da gente e a gente morre sem saber como pode ter acontecido, num abrir e fechar de olhos, ou quando há um choque de carros em alta velocidade e você não sabe, já morto, explicar o que de fato ocorreu; porque há vários modos de matar e morrer, devagarzinho ou num átimo, suavemente como quem parte num navio para longe, dando adeus no gesto do olhar, ou de repente, como se cortassem aquela fita simbólica das inaugurações, o fio da vida. A sua morte foi, como estava dizendo, feita esta última, de repente - mais dolorosa. E o seu corpo ficou a noite toda junto do meu, naquele vazio próprio dos mortos, ele que até ali estivera tão cheio de conteúdo, alguns próprios dele mesmo, até acredito, mas sobretudo cheio de certas coisas que eu lhe emprestei - e você nem sabia! - uma fantasia azul de príncipe, uma camisa brilhante, de cetim, aberta no peito e deixando aparecer uns tufo de cabelo, machíssimos, um anel de safira que lançava uma luz azulada sobre o seu corpo todo e o envolvia da cabeça aos pés, o jeito concentrado de um irmão morto há muito, o ar desprotegido, bem disfarçado, de uma criança perdida; isto sem falar nas roupas de garimpeiro, no macacão de mecânico, honestíssimo, nas mãos sujas de graxa, saudáveis. E o seu corpo me causava mal-estar, não por estar ele morto, propriamente, mas porque não condizia com o corpo quando vivo, era outra coisa, e o meu estômago dava agulhadas ou era como um soco fundo, fundo, a lembrança do outro corpo e a presença deste, num distanciamento insuportável. Tive de conviver com os dois toda a noite, no dia seguinte e mais a outra noite, até que achei que precisava mesmo enterrá-los, achar um jeito discreto, que não despertasse muita curiosidade e que, ao mesmo tempo, me devolvesse certa paz, perdida há muito, remota na

noite da infância ou então uma outra que eu conseguira há tempos, com muito sacrifício e empenho, em certa ocasião em que virei estátua. Esta paz eu sei que não foi das melhores, nem das mais frutuosas - as estátuas são frias e áridas, do seu gesso não nascem plantas, do seu mármore não sai calor, da sua pedra não brota água nem ela se confunde jamais com fonte - mas era uma estátua respeitável, destas que não dão gargalhadas vulgares; sorriem, de leve, e jamais se lamentam, apenas ouvem, e ouvem, eternamente. Quando souberam da minha intenção de virar estátua, alguns amigos se agitaram muito, tentaram me dissuadir, trouxeram teorias interessantíssimas e tão ousadas que eu cheguei a ficar enlevada, esquecida daqueles corpos lá no quarto, à espera de enterro, e por um segundo fiz mil conjecturas sobre a capacidade da mente de resolver problemas, de dar soluções, de explicar os fatos tão, mas tão explicadinho, que eu quase cheguei a acreditar nelas. Só que descobri de repente e no maior pesar que essas teorias não tinham nada a ver comigo, com os corpos que me cercavam e com a minha intenção de virar estátua. E não era, posso jurar, vedetismo de quem quer platéia, nem teimosia de criança manhosa, era mesmo desejo de virar estátua - inatingível, sem aquelas feridas abertas, em carne viva, que eu vinha trazendo já há algum tempo.

Na minha ânsia de virar estátua, não foi muito difícil para mim encontrar um lugar seco, calcinante, mais que apropriado para executar a tarefa que me impusera: livrar-me dos corpos. E eu me sentia a própria Medéia, ou quem sabe Antígona, enterrando-os, eu igualmente morta, naquele começo de petrificação de estátua, batida pelo vento do deserto que eu conseguira fabular. E me perseguiam, num eco incômodo, as palavras do Poeta:

Ali, nada sobrou da noite  
como ervas,  
entre pedras.  
.....  
Ali, não há como pôr vossa tristeza  
como a um livro  
na estante.

Mas aconteceu o que de fato eu não previra. Mal eu enterrava um corpo, o outro se desenterrava como que por milagre, pairando leve por sobre a terra. E era exasperante este jogo porque eu, sozinha, me sentia muito fraca para entender com clareza o que estava se passando e executar ao mesmo tempo o enterro dos dois cor -

pos. Depois de muito hesitar, num esforço intenso, mas com muita decisão, enterrei o segundo dos corpos, mais incômodo, vivo, com toda aquela pluma e pedraria, deixei o outro sobre a terra, exposto, e num piscar de olhos tornei-me definitivamente estátua.